

P A N O



R A M A

***Era uma vez em Nova York* (*The Immigrant*, 2013), de James Gray.**

Film religieux, ai-je dit, c'est-à-dire, souriant, plein de bons sens, saisissant la réalité d'une seule visée globale où quotidien et sublime, terrestre et sacré ne sauraient s'opposer.

Jacques Lourcelles

Uma nota sobre o final miraculoso de *A imigrante*:

Consegue ao seu término condensar em um único plano, dentro de uma construção rigorosa e fluente, aquilo que seria o final de *Rastros de ódio* como um todo. Não se trata apenas do equivalente do plano de Ethan Edwards indo embora. Gray propõe em um único plano também o contraplano dessa cena que não vimos que permanece imersa nas sombras: a nova vida que se inicia para aqueles dentro da casa. Em um único plano de modulação esplendorosa, a existência das duas faces do maior final da história do cinema.

Mas se aquela porta que se fecha em *Rastros* é acompanhada da impossibilidade de Ethan em viver naquele mundo, condenado a deambular como um espírito pelo de-

serto, todas as camadas do final de *The Immigrant* propõe uma saída para um sentimento oposto, de que existem mais vidas a se viver do que julgamos, e Ewa sempre acreditou quando nós quase não fomos capazes. Abrem-se portas, sem herói ou vilão. Todos são vítimas de circunstâncias maiores do que isso, dos sentimentos inerentes da alma humana. Gray propõe o mesmo plano para ambos e a única porta que se fecha é a do passado.

A clarividência de Gray põe às claras que existe uma nova planície inexplorada para todos. Se a tendência anterior era desoladora, parece que depois do final de *Amantes*, Gray se reconfigura a partir das ruínas. No final do filme anterior vislumbramos uma flor em meio aos escombros. O final de *A imigrante* é um botão prestes a germinar: uma imagem plena de esperança, do futuro que se inicia perante nós, através de um dos mais belos périplos de renascimento que o cinema nos proporcionou.

Não só o maior cineasta contemporâneo, como um dos poucos em atividade dignos de se inserir numa linhagem, e acima de tudo em uma defesa constante de séculos e séculos de história da arte.

MATHEUS KERNISKI